



A comunicação comunitária como forma de protagonismo dos jovens indígenas

Puyanawa

The community communication as a way of youth protagonism of

Puyanawa Indigenous

Priscila Viudes¹

Diva Da Conceição Gonçalves²

Resumo

Esse artigo tem o objetivo de discutir como os jovens da Terra Indígena Puyanawa utilizam as expressões culturais – pintura corporal, o canto e o artesanato com miçangas – como elementos de comunicação comunitária e de protagonismo da juventude na organização social. Foi utilizada a observação participante durante o III Festival Atsá Puyanawa, realizado em junho de 2019 e que homenageia tubérculo mais cultivado no local, a mandioca. Também foram realizadas entrevistas semi-estruturadas. Verificou-se que as expressões artísticas aqui avaliadas se configuram como elementos-chaves na noção de pertencimento e na configuração do espaço social e são fortes mecanismos de interação na comunidade. Esses eixos interacionais precisam ser considerados e valorizados quando se propõe a atuar com a comunidade indígena, principalmente para as ações desenvolvidas no âmbito dos projetos da Embrapa.

Palavras-chave:

Juventude, comunicação comunitária, protagonismo.

Abstract

This article aims to discuss how the youth from the Puyanawa Indigenous Area use cultural expressions, such as body painting, songs and beads handcraft, as elements of community communication and youth protagonism in the social organization. It was

¹ Analista de Embrapa Acre, jornalista pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul com mestrado em História pela Universidade Federal da Grande Dourados Vínculo institucional (professor, aluno pós-graduação [nível], aluno graduação, atividade profissional); Instituição; E-mail

² Analista da Embrapa Acre, jornalista pela Universidade Federal do Acre (Ufac) com mestrado em Ciência da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; diva.goncalves@embrapa.br



done the participant observation during Atsá Puyanawa Festival, in July, 2019 and that honors the cassava, the most cultivated tubercle of the community. It was also done semi-structured interviews. The conclusion refers that the artistic expressions are key elements in the cognition of belonging and in the social space set, so they are strong mechanisms of interaction in the community. These integrational axis must be considered and valued when the objective is to dialogue with the indigenous, such as the projects developed by professionals of Embrapa at the Indigenous Area.

Keywords:

Youth, community communication, protagonism.

Introdução

A comunicação popular não se resume apenas à produção dos meios, como afirma Peruzzo e Peruzzo (1998), mas abrange ainda as relações sociais. Nesse sentido, os jovens da Terra Indígena Puyanawa, localizada em Mâncio Lima (AC), demonstraram que a produção de conteúdo pode ser uma importante ferramenta de valorização da cultura indígena e de protagonismo da juventude. Durante os eventos comemorativos na Terra Indígena os jovens detêm papel fundamental que os caracteriza como protagonistas na organização social, pois desenvolvem práticas-chaves para a realização das festividades, quais sejam a dança: a produção da caiçuma (bebida tradicional associada às comemorações, à base de mandioca) a pintura corporal, a culinária, a música, o artesanato e a condução dos rituais em que é servido Ayahuasca, bebida ritualística dos Puyanawa e que integra também a medicina tradicional desse e de diversos outros grupos étnicos da Amazônia.

A atuação dos jovens está presente ainda no dia-a-dia e é premente discorrer sobre o papel que exercem por meio das ações de comunicação comunitária e na história atual do povo indígena Puyanawá. Essa práxis fortalece o vínculo da juventude com a ancestralidade e a cultura indígena, componentes que, devido à proximidade dos núcleos urbanos e ao histórico do povo Puyanawa estiveram fragilizados até a década de 1970.

Residem na Terra Indígena Puyanawa 670 pessoas, segundo uma das lideranças, Luis Puwe Puyanawa. A comunidade está em forte movimento de valorização cultural e fortalecimento da identidade indígena. A história desse povo é marcada pelo período de “cativeiro”, entre 1915 a 1950, em que eram forçados a trabalhar na extração do látex para o coronel Mâncio Lima e quando foram proibidos de realizar práticas culturais.

O coronel Mâncio Lima morreu em 1950 e a partir de 1970 a comunidade voltou a se organizar socialmente, com a nomeação de uma liderança e a realização dos primeiros estudos para demarcação da Terra Indígena Puyanawa. Esse contexto reforça o papel singular dos jovens e da comunicação comunitária na base da organização social atual.

Figura 1 – Mulheres Puyanawa no período de cativeiro



Fonte: Tribunal Especial Brasil (1931)

Figura 2 – Homens Puyanawa durante o período de cativoiro



Fonte: Tribunal Especial Brasil (1931)

Esse artigo tem o objetivo de analisar como os jovens percebem sua performance na organização social por meio de entrevistas semiestruturadas e da observação participante com enfoque nas pinturas corporais, os cantos e o artesanato.

Desde 2017, a Embrapa executa, por meio do projeto “Etnoconhecimento, agrobiodiversidade e serviços ecossistêmicos entre os Puyanawa” ações de pesquisa, transferência de tecnologias e comunicação na Terra Indígena, com o apoio da Fundação Nacional do Índio (Funai) e em parceria com a Universidade Federal do Acre e outras instituições, para o fortalecimento da agricultura, fruticultura e da cultura desse povo. O projeto também investe em atividades para melhoria do acesso à informação e da comunicação indígena, como a realização de palestras e oficinas sobre temas escolhidos pela comunidade.

Durante os dias 18 e 22 de julho, o povo indígena Puyanawa realizou a terceira edição do Festival Atsá Puyanawa, em comemoração a um dos alimentos mais consumidos na região: a mandioca. Os jovens, com o apoio da equipe da Embrapa Acre, produziram um vídeo, essa ação fez parte dos resultados da oficina de Comunicação Comunitária para atender uma demanda da comunidade, no início de junho, no âmbito do projeto “Puyanawa”, com apoio do Projeto Interação, intercâmbio e construção do conhecimento e comunicação nos projetos do Fundo Amazônia - Amazocom,



componente do Projeto Integrado Amazônia, executado no âmbito do Fundo Amazônia, iniciativa gerida pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) em cooperação com o Ministério do Meio Ambiente.

Entende-se que a produção do vídeo é uma vertente da comunicação comunitária que foi proposta pela equipe do projeto em tela, entretanto os aspectos culturais aqui avaliados desempenham papel de maior destaque no cotidiano da comunidade indígena, especialmente dentre os jovens. Foi proposta a utilização do audiovisual como meio de comunicação, assim como o uso do celular para produção fotográfica, em direção contrária a expectativa da equipe da Embrapa Acre, comprovou-se que as expressões comunicativas por meio das artes são a principal forma de mediação dos jovens com a comunidade indígena, pois co-existem com as novas tecnologias ao tempo em que se destacam na organização social vigente.

Metodologia

Foram empregadas técnicas de observação participante, conforme postulado por Malinowski (1976) em que o observador se insere na situação social e também aplicadas entrevistas semiestruturadas, em que foram definidas perguntas que pudessem evidenciar a percepção dos jovens indígenas sobre aspectos culturais e interações sociais. Como trata-se de abordagem qualitativa, o critério para definição dos entrevistados não levou em consideração aspectos numéricos, e sim a atuação dos jovens na comunidade.

O observação participante se deu durante a terceira edição do Festival Atsá Puyanawa, no qual nos instalamos na casa de uma família indígena para acompanhar a programação do evento, desde o dia anterior com os preparativos finais até as etapas ritualísticas em que é servida a Ayahuasca. Em novembro de 2019, durante uma ida a campo da equipe do projeto para realização da Oficina PANC, sucos funcionais e chás: da horta à mesa, foram realizadas três entrevistas semiestruturadas com jovens sobre as pinturas corporais, os cantos e o artesanato. Apenas uma das entrevistas foi gravada, por assim permitir o entrevistado, as demais se deram por meio de diálogos e anotações.

Nas entrevistas foram pontuadas questões como:

- Desde quando o jovem executa aquela ação?
- Como e com quem aprendeu?
- Se considera a prática importante para a comunidade?
- Como se sente em relação a esse papel que desempenha?
- Como avalia o grau de complexidade da atividade?

Dentre outras questões que vieram à tona durante o diálogo, o intuito foi identificar quais são as representações sociais das atividades artísticas na comunidade sob a ótica dos jovens, sujeitos históricos que atribuem significação às representações por eles construídas, de acordo com seu repertório, conjunto de significados armazenados em sua memória e que constituem a totalidade de sua experiência. Tais representações são oriundas da família, da escola e do convívio social são fundamentais para estabelecer um espaço de diálogo e de troca de conhecimentos com os indígenas. São sentidos que são construídos desde a infância, possuem estreita relação com o meio em que vivem e são reforçados no convívio com os demais membros da comunidade.

Resultados e discussão

Os entrevistados apontaram quatro festividades que mobilizam a comunidade: o dia do Índio: 19 de abril; a demarcação da Terra Indígena: 17 de maio; o Festival Atsá Puyanawa: 18 a 22 de julho e a posse do atual cacique, Joel Puyanawa: 23 de setembro. Nessas ocasiões todos são chamados a contribuir com a organização dos eventos, divididos em grupos estabelecidos pelas lideranças e muitas pessoas desempenham papéis em mais de uma frente de atuação.

O Festival começou a ser realizado em 2016, quando foi denominado como pré-Festival e em 2017 foi realizada primeira edição. Segundo os depoimentos colhidos durante os discursos nas festividades, o intuito foi homenagear o tubérculo mais cultivado: a mandioca, que ocupa cerca de 200 hectares na Terra Indígena, em monocultivo, e utilizada para produção artesanal de farinha.

É premente destacar o valor desses eventos como momentos de expressão e valorização da identidade indígena, nos quais os aspectos culturais aqui avaliados –



pintura corporal, canto e o artesanato – são fortemente utilizados como elementos identitários, ademais pode-se inferir que são espaços interacionais de aprendizagem e trocas de conhecimentos, como afirmou a entrevista A.P.S.N, de 24 anos:

Tá com nove anos que a gente toma Ayahuasca junto no grupo. Aí começou as festilidades que a gente participa, que antigamente a gente não participava muito agora a gente participa. Aí sempre era necessário se pintar e aqui só tinha uma pessoa que pintava, a Vari, aí era muita gente para ela pintar sozinha. Aí começou disso, de a gente ir vendo como era e eu fui aprendendo, testando e fazendo. (informação verbal)

O trecho acima corrobora a importância dos atores sociais entrevistados, das atividades que desempenham e das festividades na valorização da cultura indígena, já que passaram a valorizar aspectos que definem sua identidade. A definição de Laplatine (2007) para o termo cultura referenda essa afirmação:

Conjunto de comportamentos, saberes e saber fazer característicos de grupo humano ou de uma sociedade dada, sendo essas atividades adquiridas através de um processo de aprendizagem, e transmitidas ao conjunto de seus membros. (LAPLANTINE, 2007, P. 120)

Esse conceito, dentre os inúmeros que definem a cultura, foi selecionado por enfocar os saberes, o saber fazer e o processo de aprendizagem, tão recorrente nas entrevistas realizadas:

Faço artesanato com miçanga desde os 13 anos. Foi minha tia que me ensinou o basiquinho aí eu fui fazendo e peguei a prática. Não é difícil fazer miçanga, mas sempre os primeiros ficam feios. (Informação verbal) - J.L.L., 23 anos

Desde a escola eu já tinha incentivo e eu sempre fui muito dedicada. A mãe mais o pai começaram a fazer o trabalho espiritual (Ayahuasca) e eu sempre gostei de tá envolvida, de participar. Tive vontade de aprender a tocar violão quando eu tinha 9 anos, via meus pais tocando. (Informação verbal) - R.L.M., 16 anos)

Essas reflexões acerca da aprendizagem podem ser reconhecidas como processos comunicacionais que ocorrem dentro de espaços interacionais fundamentais para a formação identitária do grupo étnico Puyanawa. Adota-se o conceito de grupo étnico conforme postula Barth (1998), que preconiza que estes devem ser identificados com base em sua organização social, através de seu sentimento de pertencimento e de auto-identificação:

Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional [...] As características que são levadas em



consideração não são a soma das diferenças ‘objetivas’, mas somente aquelas que os próprios atores considerarem importantes (BARTH, 1998, p. 194).

Nesse sentido, ao definirmos os grupos étnicos com base na diferença racial, que leva em conta as informações biológicas; na diferença cultural, em que os grupos étnicos são identificados pelas “características morfológicas das culturas das quais são suportes”; na separação social e nas barreiras lingüísticas, incorremos no erro do isolamento cultural, das populações indígenas como organizações herméticas, como se as sociedades fossem estáticas, livres de contato social: “[...] somos levados a imaginar cada grupo desenvolvendo sua forma cultural e social em isolamento relativo, essencialmente, reagindo a fatores ecológicos locais, ao longo de uma história de adaptação por intervenção e empréstimos seletivos” (BARTH, p. 190, 1998).

Essa definição se faz necessária porque as representações dos indígenas, e dos Puyanawa especialmente, resultam de uma situação de contato interétnico intenso em que a atribuição exterior de identidade cria situações de preconceitos com afirmações de que não são indígenas por realizarem trocas interculturais com a comunidade do entorno. Nesse contexto, não é infundado a diligência da comunidade indígena pela valorização da sua identidade por meio das expressões artísticas aqui discutidas.

Com base nessa compreensão, importa destacar que esse empenho se configura como manifestação significativa da cultura popular, e conseqüentemente, da comunicação popular inerente à comunidade Puyanawa. Nesse sentido, é valiosa a contribuição de Santos, que afirma: “De modo que para resgatar essas preocupações com a cultura popular será necessário relacioná-las sempre com os processos sociais que são próprios às populações às quais se referem, processos que exigem sempre que se refira à sociedade como um todo (SANTOS, 1983, p. 51)

A pintura corporal, o artesanato de miçangas e a música são patrimônios imateriais que atuam como eixos de afirmação da ancestralidade, tão cultuada nesse momento de valorização da identidade indígena, após terem passado por períodos conflitantes, de “cativeiro” e de forte influência das igrejas neo-pentecostais. Segundo relatos da liderança Luiz Puwe Puyanawa durante o Festival Atsá Puyanawa, o atual cacique foi pastor durante 30 anos e após a ocorrência do que eles chamam de “acontecidos” na comunidade, resolveu retomar a cultura indígena “pois os antepassados estavam dizendo que a gente estava se afastando das nossas origens”



(informação verbal). O grupo encontrou métodos de cooperação simples para os problemas complexos, que eram comuns a todos.

Quando eu vou me pintar eu gosto mais de pintar a da borboleta porque eu acho muito lindo e com essa pintura a gente se sente mais protegido, sente a energia diferente no corpo da gente. Assim como a da jiboia também é outra a energia. Tudo isso a gente tem a tradição de cultivar. De que aquela pintura é boa para os sinais quando a gente vai tomar Ayahuasca. Quando a gente tá pintado a gente sente a energia mais bacana. E a gente se pinta mais nos festivais e nas festilidades de demanarcação da tera, do dia do Índio, da posse do cacique, são esses quatro momentos que a gente se pinta, ou então quando a gente vai fazer uma apresentação fora, na escola. (Informação verbal) A.P.S.N

Aprender o artesatano é importante porque a gente busca os conhecimento dos nossos ancestrais. (Informação verbal) J.L.L., 23 anos

Os depoimentos acima evidenciam o contexto histórico e social dos Puyanawa e como as expressões da cultura popular exercem protagonismo na atual conjuntura pois detonam a estima que a pintura corporal e o artesanato detêm nos momentos de afirmação da identidade indígena, em que a comunidade se vale desse recurso para se apresentar para o entorno, e principalmente, para seus membros e para si mesma como forma de arregimentar-se.

O artesanato com miçangas desperta grande interesse na comunidade indígena e não indígena. J.L.L conta que tem bastante encomendas, da comunidade e de fora. “A gente nem imaginava que iria chegar e esse ponto. Eu chego a fazer um salário mínimo com a venda das miçangas”, conta.

Essa mobilização social utiliza como ferramentas os eventos festivos e as formas artísticas aqui avaliadas que podem também ser considerados meios de comunicação comunitária, uma vez que são códigos pactuados e compartilhados na comunidade e se dão a partir de seus pares, ou seja, a partir do povo. A comunicação comunitária surge como espaço educativo, de troca de saberes e como poderoso instrumento de valorização da cultura local, como se pôde observar nos depoimentos coletados.

A comunicação popular e comunitária pode ser entendida de várias maneiras, mas sempre denota uma comunicação que tem o “povo” (as iniciativas coletivas ou os movimentos e organizações populares) como protagonista principal e como destinatário, desde a literatura de cordel até a comunicação comunitária. (PERUZZO, 2006, p. 9)

O que se pretende destacar é a oportunidade dos jovens de expressar seus significados, valores e produzirem suas próprias formas de expressão. O que incorre em uma inter-relação entre a comunicação comunitária e a cultura popular por serem espaços educativos de caráter mobilizador coletivos.

Ás vezes a gente se reúne na casa do cacique para aprender a música, quando tem os eventos como Dia do Índio, os que tão envolvidos vão lá antes. A música une, um ajuda o outro. Se todos os jovens tivessem essa força de vontade de se unir com a cultura, estaríamos mais fortalecidos, unidos. (Informação verbal) -R.L.M.,16 anos

A pintura é uma forma de agregar, basicamente é pouca gente que se pinta no dia do festival, do dia do Índio, na demarcação da terra, mas esse festival (2019) se pintou muita gente. Maioria do pessoal, mesmo que não participando, a gente via com uma pintura aqui, outra ali na perna, no braço. E tem muita gente que acha bonito, que vem de longe para se pintar. Mas esse ano parece que perdeu a vergonha, esse ano eu pinteí uma pessoa que eu nunca vi riscado de nenhum jeito, nem de jenipapo ou de urucum. E eu pinteí, e fui eu que pinteí essa pessoa! Pra gente, a gente sente assim, prazeroso, porque a gente vê assim, não só o trabalho do cacique, do grupão todo, tá dando alguma coisa, começa a interagir mais gente. Ano passado eu não tava, mas deu 120 pessoas pra dançar, todas pintadas, esse ano deu 160 pessoas. Imagine pro outro ano quanto mais não vai ter para se pintar? Aí uma coisa que vai crescendo dentro da gente, vai mais gente aprendendo e fazendo também ali, porque eu acho que deve ter em torno de umas 12 pessoas que sabe pintar. (Informação verbal) A.P.S.N

Essa condição agregadora pode ser claramente notada nos dois depoimentos acerca da música e da pintura corporal visto que possuem propriedade coletiva, educativa e desenvolvem a noção de pertencimento e de cidadania, conceitos chaves na definição de comunicação comunitária apontada por Peruzzo (2006).

Os jovens apontam que a atividade desempenhada por eles possuem determinado protagonismo na organização social e isso os faz mais engajados e motivados a se envolverem na esfera pública e comunitária. De modo que ficam mais propensos a contribuírem com o aprendizado de demais interessados e consequentemente, aumentarem a coesão da comunidade e a possibilidade de transformá-la.

Importa relacionar os argumentos apontados nas falas dos jovens com a célebre frase de Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (1987, p. 29). Nesse contexto de troca inter-étnica ao qual os Puyanawa estão inseridos, as demonstrações artísticas desempenham o papel de elemento aglutinador, de aprendizagem e com os quais eles interagem com o mundo.



Diversos autores e correntes teóricas tem propalado a consolidação da *Sociedade da Informação* nos tempos atuais. Disso resultam transformações nos campos social, econômico e político que alteram as formas de atuação em sociedade. As novas tecnologias da informação e de comunicação, principalmente o celular, se inserem no cotidiano das pessoas e transformam a maneira de trabalhar e de se relacionar.

Paradoxalmente, na Terra Indígena Puyanawa, a população e os jovens, em especial, estão em forte movimento de fortalecimento e ressignificação de aspectos ancestrais com as manifestações artísticas. Isto está diretamente relacionado com o contexto histórico recente, de valorização do movimento indígena frente a um cenário político e econômico desafiador para tais populações.

Pode-se afirmar que na Terra Indígena Puyanawa co-existem as novas tecnologias da informação e comunicação (TIC) com as expressões originárias de comunicação e interação e apreendê-las é preceito básico para o diálogo intercultural a que se propõe não só a equipe da Embrapa, mas os demais profissionais que atuam com esse público. Como afirma Paulo Freire: “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (FREIRE, 2006, p. 66)

O ato de comunicar - palavra que tem sua origem etimológica no latim: tornar comum – para fazer jus ao seu significado primevo, precisa ser realizado levando-se em conta o aspecto humanista desse processo. Os envolvidos devem adunar os “condicionamentos sócio-culturais” (FREIRE, 2006) provenientes da comunidade com a qual se pretende dialogar.

[...] a comunicação verdadeira não nos parece estar na exclusiva transferência ou transmissão do conhecimento de um sujeito a outro, mas em sua co-participação no ato de compreender a significação do significado. Esta é uma comunicação que se faz criticamente. (FREIRE, 2006, p. 70)

Por isso é fundamental valorizar as expressões culturais dos Puyanawa ao tentar estabelecer espaços educativos na Terra Indígena, ao passo que sem essa capacidade de alteridade, todo o esforço empreendido terá sido em vão. Compreender e absorver o “aspecto humanista” (FREIRE, 2006) do processo de comunicação é fator sine qua non para constituir um ambiente dialógico em que impere a real interação dos diferentes grupos: indígenas e não indígenas.



Conclusão

Percebe-se que a música, o artesanato com miçanga e a pintura corporal são notados como espaços interacionais de produção de sentidos e significados para os jovens e que devem ser garantidos e estimulados, seja pela comunidade em si, do entorno ou por atores com os quais os indígenas interagem, e especialmente, pela equipe da Embrapa. A produção audiovisual, proposta inicialmente, não deve se sobrepor ao artesanato com miçanga, à pintura corporal ou ao canto e sim valorizá-los ainda mais por atuarem como fluxos de influência recíproca, de diálogo e de construção da identidade social.

O sucesso do trabalho com o grupo étnico Puyanawa está baseado não apenas nos resultados esperados pelas ações de transferência de tecnologias e de comunicação comunitária – previstas nos projetos da Embrapa - mas principalmente pela constatação da valorização dos elementos culturais que definem a identidade indígena. Isso ocorre por meio do diálogo recíproco e compreensão mútua e da troca de conhecimentos, aspectos norteadores do Projeto Interação, intercâmbio e construção do conhecimento e comunicação nos projetos do Fundo Amazônia - Amazocom.

O diálogo entre a equipe da Embrapa e a comunidade indígena podem ter maior grau de eficácia se os proponentes forem capazes de se colocar como parceiros que valorizam elementos-chaves para os indígenas, como as expressões artísticas aqui avaliadas, os rituais e seu modo de vida, ou seja, só pode haver comunicação se houver alteridade. E o trabalho com os indígenas pode enriquecer a formação humanista dos profissionais, visto que são sociedades capazes de despertar o sentimento de ineditismo, que descortinam possibilidades de perceber a diferença.

Referências bibliográficas

Brasil. Tribunal Especial. 1931, Vol. 4, pg. 30. Acervo: Arquivo Nacional



FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
_____. *Extensão ou comunicação?* São Paulo: Paz e Terra, 2006

LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. Trad. Marie-Agnès Chaveul. São Paulo, Brasiliense, 2007

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. (Introdução). São Paulo: Abril Cultural, 1976

SANTOS, J. L. *O que é cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1983

SOARES, Ismar. *Educomunicação: um campo de mediações*. Comunicação & Educação, 2000

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. *Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária* In Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - UnB – 6 a 9 de setembro de 2006 <
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf>> Acesso em 1 nov. 2015